

Susan Power: Transcendência na narrativa indígena estadunidense contemporânea como contraponto à violência

Liane Schneider

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

Resumo: Em seu romance *Sacred Wilderness* (2014), a escritora indígena estadunidense Susan Power cria o espaço literário para o encontro de duas mulheres: Gladys, uma senhora segura e informada das tradições nativas, tradições essas que lhe dão embasamento de vida, e Candace, enclausurada em sua mansão em Saint Paul, Minnesota, que enfrenta uma crise pessoal resultante do esquecimento, desconexão e incapacidade de lidar com suas múltiplas origens étnicas, principalmente as indígenas. O encontro entre essas duas mulheres se dá no ambiente urbano, quando Gladys se dispõe a fingir que trabalha para Candace como auxiliar ou governanta, a fim de arrancá-la de seu estágio letárgico, tentando destacar algum tempero ou sopro de vida à forma fria e elitista com a qual Candace lida com as culturas e artes (com a vida, enfim). Discutir pertencimento cultural e como esse pode ou não permitir que subjetividades (antes veladas, já que menos valorizadas) floresçam é um dos nossos propósitos ao longo da presente discussão. Utilizaremos autoras que tratam da recriação da violência e da transcendência na literatura indígena, principalmente a partir da escrita de mulheres, com o objetivo de discutir trauma e sobrevivência, violência de gênero e o restabelecimento de um equilíbrio possível nesse

Palavras-chave: Literatura indígena, transcendência, violência, Susan Power

Abstract: In her novel *Sacred Wilderness* (2014), Susan Power, a native author from the United States, creates a literary space for the meeting of two female characters: Gladys, a self-assured native lady in her seventies, very well informed of indigenous traditions, and Candace, a woman in her fifties, which leads a very lonely life inside her mansion in Saint Paul, Minnesota, loneliness resulting from a personal crisis derived from her disconnection and inability to deal with her multiple ethnic origins, specially the native one. The meeting between these two women takes place in the urban space, that is, in the city of Saint

Paul, at the moment Gladys accepts a job as a housemaid at Candace's house. The discussion of cultural belonging, marked alternative paradigms if compared to the Eurocentric traditions is one of the objectives of the present text. We will bring to light authors and critics interested in the literary representation of violence and the power of native transcendent elements, specially in the writing of women, with the objective of discussing trauma, gender violence and the reestablishment of some community balance.

Keywords: Native literature, transcendence, violence, Susan Power

Já o título do texto que inicio carrega uma obviedade: a aproximação entre mulheres e violência nada tem de novo. Na realidade, infelizmente, os dois termos convivem intimamente em contextos sociais e textuais mundo afora. A partir das leituras que venho desenvolvendo sobre e de narrativas de ficção de autoria indígena da América do Norte, posso ainda complementar dizendo que, nesse caso específico, violência parece ser algo intrínseco ao ato de narrar, exatamente devido ao fato de atos violentos terem permeado essas culturas de inúmeras formas após as invasões dos territórios que hoje se anunciam e se estabelecem como americanos. Por vezes, essas expressões da violência são construídas literariamente na forma de denúncias, a fim de não permitir que os crimes do passado sejam esquecidos; por outras, há releituras irônicas, com um humor fino e cruel bem apropriado à temática, que costuma causar certo constrangimento em leitores e leitoras de forma geral, indígenas ou não.

Em trabalhos recentes, tenho discutido casos mais clássicos da representação da violência em narrativas nativas, como na leitura crítica que desenvolvi sobre o livro de Louise Erdrich, escritora da tribo Chippewa ou Anishinabe, *The Round House*, publicado em inglês em 2012, e em português, como *A Casa Redonda*, em 2015. Nesse romance é problematizado e denunciado um estupro ocorrido dentro de uma reserva, evento esse que acaba afetando toda uma família e uma comunidade indígena. Obviamente há uma relação quase direta entre problemáticas que perduram e afetam a vida prática de tantos grupos indígenas e o que a literatura nativa tem apresentado como tema, especialmente aquela de autoria feminina. No romance de Erdrich a violência aparece direcionada contra o corpo de uma mulher indígena, casada, mãe. A partir dessa violência, a temática das históricas agressões físicas, psicológicas e culturais que

afetaram aquele grupo vai sendo desenhada para além daquele núcleo familiar específico. Portanto, vale revisar o que estudos acadêmicos têm desenvolvido sobre esse tipo bastante seletivo de violência, bastante frequente nas Américas.

Um estudo publicado por Bubar and Thurman (1999: 71), sobre a violência e as mulheres indígenas no contexto dos Estados Unidos, destaca que todos indígenas, independentemente do sexo, estão duas vezes mais sujeitos a sofrer como vítimas de crime do que outros grupos residentes naquele país. Inclusive a taxa de crimes violentos contra mulheres indígenas na década de 90 foi “aproximadamente 50% mais alta do que em relação aos homens afrodescendentes, há muito reconhecidos como tradicionais vítimas da violência”¹. Não há dúvidas, hoje, que os processos de colonização incentivaram a autoridade masculina e a centralização de poder, fatores esses associados à crescente violência contra as mulheres indígenas nas Américas pós-colonização. Segundo Andrea Smith, “os colonizadores perceberam de imediato que a subjugação das mulheres nativas seria determinante para o sucesso do processo econômico, cultural e político da colonização” (2005: 9).

Mas quais são as vozes que têm vociferado contra essa violência, acusando governos e instituições pelo absurdo silêncio e cegueira no que diz respeito a confrontos e agressões explícitas entre povos indígenas e não indígenas ao longo de séculos? Tanto os movimentos indígenas, afinados com as lutas por seus direitos, como grupos específicos dentro desses, como aqueles compostos por escritoras indígenas e feministas indígenas.

Joyce Green (2007: 20), no livro *Making Space for Indigenous Feminism* (ou “Abrindo espaço para o feminismo indígena”, *tradução minha*), destaca a dificuldade que muitas mulheres indígenas ainda enfrentam ao tentar nomear sua prática como “feminista”. Muitas delas acreditam que o feminismo estaria mais vinculado ao discurso de mulheres provavelmente já empoderadas, em parte devido a sua inscrição étnico-racial diferente, sendo, então, de pouca serventia para a resolução de seus problemas específicos. Algumas dizem ter receio inclusive que, no caso de se definirem como feministas, tal tomada de posição significaria praticamente uma traição aos seus grupos de origem, bem como um abandono das lutas coletivas de homens e mulheres indígenas por objetivos comuns, argumento já verificado nos debates de mulheres inseridas em

outros grupos étnicos ao longo da história quando em situação semelhante. Como se mulheres reunidas por causas comuns sempre significasse traição aos homens e à cultura de origem. Verdade é que mulheres de quaisquer grupos étnicos costumam enfrentar alguma resistência ao assumirem posição como feministas ainda hoje, em pleno século XXI, já que isso implica tomar posição crítica em relação a modelos sociais em sua maioria marcados por valores patriarcais. Essa resistência obviamente é potencializada quando os grupos de origem tendem a reconhecer o conjunto das propostas feministas como um discurso branco, europeu em sua origem, importado, enfim.

Contudo, inúmeras indígenas das Américas vêm reconhecendo a importância de lutar por seus direitos como mulheres nativas e, porque não, como feministas. Green (cf. 2007: 23) problematiza o fato de se questionar o feminismo em nome da “tradição”. Mesmo concordando que a “tradição” faria referência a um período ou um sistema melhor avaliado pelos nativos em geral, Green (cf. *idem*: 25) defende que essa não deveria ser lida como algo monolítico, pois lhe caberia estar aberta a interpretações que partem de novos paradigmas da contemporaneidade, de novas subjetividades, que inevitavelmente atualizam algumas práticas. Em resumo, a tradição não pode ser e nem é algo estanque.

Verna St. Denis (2007: 40) em seu artigo “Feminism is for everybody” (“O feminismo é para todos”, *tradução nossa*) considera que as indígenas envolvidas nos estudos nativos e na educação aborígine não podem negar a relevância do importante corpo de pesquisa, análise e ativismo que o feminismo lhes oferece. Destaca que a maior parte das ideologias que permitiram os abusos contra os nativos não foi imposta pela força, mas “pelas ideias do senso comum constantemente repetidas nas práticas diárias pós-colonização” (*idem*: 41). Nesse sentido, a autora vê como muito positivo o fato de “cada vez mais mulheres aborígenes começarem a se identificar como feministas, ou pelo menos, com alguns dos objetivos do feminismo, tais como a luta pela erradicação da violência contra mulheres e crianças” (*idem*: 50).

Nesse momento e nesse texto, trato da violência literariamente representada de forma menos óbvia. Aqui ela não se mostra de forma física e explícita, mas principalmente é rememorada pelos sofrimentos causados devido a apagamentos

vivenciados e os consequentes elos rompidos mencionados e problematizados em uma narrativa de autoria indígena estadunidense; especificamente, discuto aqui o romance *Sacred Wilderness* (2014), (*Sagrada Selvageria, tradução nossa*) de Susan Power, da tribo Standing Rock Sioux, EUA. Para tanto, me apoio principalmente em uma coletânea de textos intitulada *Restoring the Balance: First nation women, community and culture*, de 2009. Pode-se traduzir esse título como: “Reestabelecendo o Equilíbrio: Mulheres indígenas, comunidade e cultura”.

Susan Power cria ao longo de seu romance o ambiente perfeito e necessário para o encontro entre duas mulheres: Gladys Swan, imersa nas tradições nativas de sua tribo, mas de forma bastante atualizada; e Candace, enclausurada em uma mansão na cidade de Saint Paul, Minnesota, que enfrenta uma crise pessoal resultante do esquecimento, desconexão e incapacidade de lidar com suas origens, no caso, tanto a indígena quanto a judaica. O encontro entre essas duas mulheres se dá quando Gladys se dispõe a “fingir” que trabalha como governanta na casa de Candace, prevendo que a nova patroa buscou precisamente uma trabalhadora indígena por alguma razão que pretende desvendar. Gladys comunica às filhas que aceitará o emprego de governanta, mesmo contra a vontade dessas e esclarece: “Tudo que posso dizer é que tenho de assumir esse trabalho. Eu sinto que sim. Há trabalho e *trabalho*. Essa senhora não precisa tanto de uma empregada, mas sim de outra coisa. Eu preciso desvendar o que seria isso”². (Power 2014: 9).

Candace é uma mulher sensível, interessada em arte e música, mas lida com todas essas manifestações artísticas de forma quase automática, coletando exemplares de máscaras, tambores, quadros com os quais não estabelece maiores vínculos. Compra objetos de arte que se afinam com sua postura de mulher refinada, apoiando financeiramente diversas instituições culturais da cidade em que reside. Na verdade, Candace está enfrentando um processo de desconexão e fragmentação, que se manifesta através de incontáveis crises de enxaqueca, as quais ela liga ao fato de estar entrando em uma idade definida como “delicada”, 55 anos. As tais crises de enxaqueca fazem com que ela deixe de lado inúmeras de suas atividades, ficando praticamente imobilizada e isolada por dias e dias. Há um vazio que não pode ser aparentemente preenchido em sua vida, tanto que ela ocupa parte de seu tempo escrevendo cartas para setores de

Atendimento ao Consumidor de diversas lojas. Nessas escrituras, além de comentar algum produto, nas entrelinhas Gladys expõe suas inquietações pessoais. Encontra inclusive uma funcionária mais idosa em um desses serviços de atendimento que responde de forma mais pessoal suas correspondências, dizendo-lhe que também já foi casada, que os homens não percebem algumas coisas, que não espere demais do marido, que persiga suas buscas pessoais. Fora esses contatos esporádicos por carta, Candace sente-se completamente só e abandonada – o marido parece não lhe dar atenção suficiente, os filhos saíram de casa, as enxaquecas a afastaram dos contatos sociais. O que passa, a partir de determinado momento da narrativa, a lhe fazer companhia são presenças que ela não consegue sequer ver ou explicar; daí o pavor que sente de ficar só, já que tais eventos sempre ocorrem sem outras testemunhas.

Como grande parte do romance trata de lógicas que escapam à racionalidade dita cartesiana e/ou eurocêntrica, criando um embate entre formas diversas de ver o mundo, acreditamos ser interessante buscar pensadoras indígenas que apontam e discutem essas formas de percepção e pensamento diferenciados, que circulam de maneira menos racional por entre textos e pessoas. As editoras da coletânea *Restoring the Balance* esclarecem já em sua introdução (Valaskakis, Gail G. / Stout, Madeleine D. / Guimond, Eric (eds.) 2009: 1) que “as mulheres indígenas têm insistido na reconciliação entre suas visões holísticas de mundo e visões ocidentais, mais atomizadas, mecânicas e antagônicas”. Essas desconexões, segundo as mesmas editoras, foram responsáveis por “impor uma gama de pobreza às populações nativas” (*ibidem*). Vale destacar que, nesse caso, a palavra “pobreza” se refere não apenas aos aspectos econômicos, mas também culturais e espirituais.

A proposta, como um todo, da mencionada coletânea seria evitar falar das faltas, das carências, dos exemplos de violência explícita, dos problemas com drogas tantas vezes vinculados aos indígenas, evitando-se, assim, velhas estigmatizações. Os artigos trazem centralmente perspectivas atreladas às energias e ações tomadas por mulheres indígenas ao buscar proteger suas culturas e promover suas comunidades para além dos paradigmas impostos pelas esferas sociais dominantes (*idem*: 2). Nesse contexto questionador, as mulheres indígenas seriam precisamente as guardiãs das tradições e crenças nativas, enfim, agentes de mudança em tempos contemporâneos, sem que o que

diz respeito à memória seja desconsiderado e descartado. A resiliência e o pragmatismo dessas mereceriam, portanto, maior destaque do que as dificuldades históricas pós-colonização, com intuito de planejar um futuro mais promissor. Se resiliência está atrelada à ideia de sobrevivência e de se saber escapar de situações difíceis, como sugerem as organizadoras da coletânea, o termo também pode se afinar com a definição dada pelo estudioso da Nova Zelândia Mason Durie em uma apresentação oral, mencionada na introdução pelas editoras de *Restoring the Balance*:

resiliência indígena é o reflexo de uma determinação inata por parte dos povos indígenas no sentido de resistir. Resiliência é o polo oposto de rigidez, oferecendo uma perspectiva alternativa aos cenários que destacam as desvantagens dos indígenas e permitindo que os desafios enfrentados sejam reconfigurados antes como uma busca por sucesso do que uma explicação para o fracasso. (*idem*: 2-3)

Nesse sentido, vale observar que, logo no início do romance de Susan Power, quando a filha e a neta de Gladys a conduzem até a casa de Candace, acompanhada de seu gato Zhigaag, na rua que dá acesso à mansão, Gladys faz menção à estatua de uma águia, dizendo que essa é símbolo dos *Iroquois*, das seis confederações que fizeram acordo de paz para resistir de forma unificada aos colonizadores no passado. Enquanto explica isso à neta, oferece tabaco à estátua. A filha a critica, diz que não vê sentido em oferecer tabaco a uma estátua, que foi inclusive apropriada como símbolo estadunidense, ao que Gladys responde:

Tudo está vivo. Tudo está se movendo. Até os cientistas vem dizendo isso, não? Finalmente compreenderam o que vínhamos dizendo desde sempre, não é? Eles chamam isso de 'matéria', o movimento agitado e mínimo da matéria. Pois bem, eu digo que toda matéria importa! Que tal?³
(Power 2014: 6)

As duas filhas de Gladys argumentam ser ridículo, aos setenta e poucos anos, que ela dedique suas horas a uma mulher de classe alta, desconhecida, ao que Gladys responde:

Eu não sei o que há com essa pessoa, essa situação, que me atrai. Eu fui ensinada a confiar nos meus instintos, nos guias que vem do meu eu mais profundo e não vou deixar de confiar agora. É o

meu mapa e tenho de segui-lo. Tomem cuidado para não pensar que conhecem alguém por olhar para seu gramado em frente de casa. Vocês não sabem a estória dessa pessoa. A estória de todo mundo interessa. Ensinei isso a vocês também. Se a história de vocês importa, a dela também importa.⁴ (*idem*: 10)

Assim que adentra a casa de Candace, Gladys sente que há muito o que fazer por ali. Há um momento em que certo mal-estar fica claro quando a dona da casa insiste em mostrar o Museu Indígena que possui e, logo na entrada, Gladys sente que a Máscara *Iroquois* pendurada na parede do *hall* emana um ódio incomum. Como ela observa: “Ondas de raiva emanavam da máscara, em quantidade suficiente para criar uma miragem de calor que distorcia a visão. Tratava-se de uma raiva antiga, forjada ao longo de muitos anos”⁵ (*idem*: 16).

Apesar de a tal máscara ter estado na família de Candace por mais de 100 anos, essa diz nada saber sobre sua origem. Gladys pensa, pois ainda não crê ser hora de verbalizar ou discutir com Candace: “Você é mesmo uma *Mohawk*, mas não sabe nem o que isso significa. Você não sabe o que tem aqui. (...) Esse é um ser vivo que você prendeu dentro de casa, mas mesmo assim, o poder dele não foi reduzido, isso é certo!”⁶ (*idem*: 17). Ao sair do museu de Candace, Gladys ouve chocalhos e cantos em uma língua que não reconhece e sente que a máscara está em ebulição, gritando por mudanças. Em outro momento, Candace comenta que ela e, mais recentemente, seu marido andam tendo sonhos, ouvindo sons durante a noite, sem fazer qualquer suposição sobrenatural sobre tais incômodos noturnos. Preferem atrelar isso ao ninho vazio, à enxaqueca, ao cansaço ou, no caso de Berry, ao stress por conta do trabalho.

A violência que se mostra presente ao longo da narrativa de Power está diretamente atrelada ao sofrimento imposto a uma nativa *Mohawk* que desconhece suas origens, suas bases, sua força, inclusive. Na verdade, seu sofrimento estaria vinculado à alienação. Como argumenta Cynthia Esquimaux,

[a] experiência de ser despersonalizada como entidade social e cultural, perder autonomia, o sentimento de integridade social, a interdependência e o controle social fica evidente em sentimentos de irrealidade quanto a si mesmo, gerando uma perda de resposta afetiva e estabelecendo uma espécie de adormecimento em indígenas até os dias de hoje, já que as imagens

que esses criam sobre si próprios, são formatadas pelas memórias repassadas por legiões de homens e mulheres que esses nunca encontraram e nunca mais encontrarão. (2009: 22)

Nesse sentido, diversas críticas nativas percebem a literatura indígena como uma maneira fundamental de tratar a dor atrelada ao fato de se estar separada de uma parte da vida com a qual se teria vínculo caso tais relações não tivessem sido interrompidas, como defende Esquimaux (*idem*: 23). A crítica ainda destaca que sobreviver não basta, e sim, esse deve ser o ponto a partir do qual se deve buscar integração e totalidade, inteireza, enfim. Após a sobrevivência, viria todo o resto. A estudiosa citada aponta a literatura como uma possibilidade de se discutir e reelaborar tal conexão em outros termos.

É bem verdade que a relação que se constrói entre Candace e Gladys, pode ser lida como uma busca por integração, um sentimento de pertencimento que Esquimaux propõe estar atrelado a ideia de “viver” mais do que “sobreviver”. Isso não pode ser estabelecido apenas entre essas duas mulheres, duas personagens que se encontram em posição central na narrativa, que, de fato, protagonizam a narrativa, mas a estória necessita fazer uso de todo um substrato metafísico mais amplo, que vai além daquelas duas vidas e tempos.

No caso, uma entidade muito antiga, um espírito dos velhos tempos, começa a se fazer presente. Da primeira vez que Candace viu ou sentiu sua presença, tentou fingir que aquilo seria apenas consequência de sol demais sobre sua cabeça, já que a visão lhe surge em pleno parque, com o sol a pino. Contudo, ela consegue descrever a mulher, sua aparência, até o que veste. Ela veio das alturas e se senta ao seu lado, sob as árvores. Esse ser apresenta-se como Maryam, dizendo ter sido mandada por uma antiga familiar sua, uma mulher inesquecível. Como leitoras, pode nos surpreender essa presença, já que não é um espírito indígena o de Maryam, mas da cultura judaico-cristã, em próximo contato com parte dos antepassados de Candace. Maryam confirma que na verdade Candace viria de uma linhagem de pessoas fortes, sobreviventes pelos dois lados da família e que esses esperam que ela dê continuidade aos grupos, pelo menos no plano espiritual (Power 2014: 33). Candace fica perplexa e não sabe se é ou não real o que vê, ouve e entende. Maryam diz:

Minha menina, você não escutou o chamado de sua avó? Ela tem tentado contato com você há tanto tempo(...). Ela tem visto você se debater em agonia com dores de cabeça que nada mais são do que sua própria recusa em ver o que está bem diante de você. Recusa em ouvir o que estaria sempre disponível para você, a partir do momento em que você realmente conseguisse passar a escutar.⁷ (Power 2014: 34)

A figura que aparece para Candace, uma entidade cristã, Maryam, lembra-nos de todas as Marias e Nossas Senhoras, trazendo notícias também de uma entidade indígena, Jigongaseh. Essas duas forças femininas, de um lado judaico-cristão, de outro, indígena, estariam se comprometendo com a reconexão de Candace. Contudo, Maryam, a figura que Candace consegue visualizar, diz que, como o pertencimento vem pelo lado materno, ela seria primordialmente pertencente ao clã da Tartaruga. *Mowahk*, com certeza. Que ela deveria recuperar a força interior de seu clã. Candace respira e deixa o parque praticamente correndo, convencida de ter um tumor no cérebro, que justificaria as enxaquecas e essa visão inexplicável.

Parte do restante do romance tratará da presença dessas entidades na narrativa e na vida daquele círculo de pessoas; não apenas Candace é ensinada a aceitar uma outra lógica, um conhecimento que nunca teve ou esqueceu, como nós, leitoras, somos convidadas a embarcar em um mundo paralelo, onde mesmo as outras personagens integrantes da narrativa tornam-se opacas, distantes, até que algumas delas despertem para o contato com esse novo mundo que lhes/nos é apresentado.

Sem dúvida alguma, *Sacred Wilderness* é um romance que trata dos traumas dos contatos ocorridos de forma violenta no continente americano ao longo de séculos e das implícitas consequências. No retorno ao passado, a narrativa busca explicar como tantas conexões foram perdidas, o que é materializado não apenas no grupo familiar de Candace, mas de seu marido Barry, e na própria família de Gladys. Contudo, a narrativa criada por Power, mais do que apontar e lamentar traumas vividos que ainda ecoam no momento presente, busca apontar caminhos de cura, de superação. Ao longo do romance, vários laços improváveis tornam-se possíveis – Gladys assume um relacionamento com o sogro de Candace, um norueguês que também não se surpreende com as presenças e poderes espirituais; Candace reestabelece laços mais afetuosos com o marido; as filhas de Gladys, que enfrentavam no início da estória uma parcial

desconexão, também esclarecem seus laços de pertencimento. A narrativa destaca as possibilidades de reconstrução a partir de experiências humanas compartilhadas. No final, não é apenas a protagonista que passa por um processo de cura.

Se no início desse texto mencionei que várias mulheres indígenas têm adotado o feminismo como prática viável e discurso de resistência, após a discussão que propus do romance de Susan Power me parece apropriado finalizar afirmando que, de forma semelhante, o feminismo, ou os feminismos, ou pelo menos a crítica feminista, podem também beber em fontes literárias que apresentem cosmovisões diversas das que tantas vezes assumem papel central na academia. Literaturas que se constroem por outros pontos de vista, como a que discutimos aqui, exigem novas teorizações, que não descartem formas criativas e quase oníricas de criação e significação, dando continuidade aos avanços conquistados pelos “outros” culturais, a fim de reeditá-los em tempos de tantas demolições.

Susan Power, ao final do romance, uma confessa odisseia de sete anos de escrita, expressa seus agradecimentos a sua mãe, que a acompanhou no percurso por tantos terrenos sagrados em favor de suas personagens. Portanto, nos parece que uma rede entre mulheres se estabelece – entre leitoras, críticas literárias, líderes espirituais; a “selvageria sagrada” mencionada por Power em seu título (*Sacred Wilderness*) foi, de certa forma, o lastro para que isso acontecesse. Acreditamos que outros lastros e redes sejam necessárias para se lidar com selvagerias dos nossos tempos, sejam aquelas marcadas como violência doméstica, discriminações de toda a sorte ou simplesmente retrocessos no que diz respeito a direitos humanos e sociais. Enquanto essas selvagerias ousarem se pretender corriqueiras, temos muito terreno selvagem ainda a conquistar.

NOTAS

¹ Todas traduções são de nossa responsabilidade.

² Texto original: “All I can say is that I am meant to do this. I can feel it. There’s work and there’s *work*. This lady doesn’t need a maid so much as something else. I have to figure out what that is”.

³ Texto original: “Everything is alive. Everything is moving. Don’t even scientists say that? Haven’t they figured out what we knew all along? They call it ‘matter’, the tiny, wiggling movement of matter. So, I say, all matters! How’s that?”

⁴ Texto original: “I don’t know what is about this person, this position, that pulls me. I was taught to trust my instincts, the guidance that comes from deep inside, and I’m not going to stop now. It’s my map. And I have to follow it. Be careful about thinking you now someone from looking at the front lawn of their house. You don’t know this person’s story. Everyone’s story matters, I always taught you that. If yours matters, then so does hers”.

⁵ Texto original: “Waves of anger surged from the Face, enough to form a heat mirage that warped her vision. This was old anger, forged over many years”.

⁶ Texto original: “You really are *Mohawk*, but you don’t know what that means. You don’t know what you have. (...) This is a living being you’ve trapped in your house, but you haven’t diminished his power, that’s for sure.”

⁷ Texto original: “My girl, have you not heard your grandmother calling? She’s been trying to reach you for so long (...). She’s watched you thrash in agony from headaches that are no more than your own refusal to see what has always been right there before you. Refusal to hear what was always there for you to hear once you really listen”.

Bibliografia

Aa.Vv. (2007), *Making Space for Indigenous Feminism* (ed. Joyce Green), Winnipeg, Fernwood Publishing / Zed Books.

Bubar, Roe / Thurman, Pamela (ano), "Violence against Native Women", *Social Justice*, nº 31, 70-86.

Durie, Mason (2006), "Indigenous Resilience: From Disease to disadvantage to the realization of potential", *Pacific Region Indigenous Doctors Congress*, Rotorua, New Zealand, unpublished paper.

Erdrich, Louise (2012), *The Round House*, New York, Harper Collins Publishers.

-- (2014), *A Casa Redonda* (trad. Daniel Estill), Rio de Janeiro, ED Objetiva/Alfaguara.

Esquimaux, Cynthia C. W. (2009), "Trauma to Resilience: Notes on decolonization", in *Restoring the Balance: First nations women, community and culture*, Winnipeg, Manitoba Press.

Power, Susan (2014), *Sacred Wilderness*, Lansing, Michigan State UP.

St. Denis, Verna (2007), "Feminism is for Everybody", in *Making Space for Indigenous Feminism*, Winnipeg, Fernwood Publishing / Zed Books, 33-52.

Smith, Andrea (2005), *Conquest: Sexual violence and american indian genocide*, New York, South End Press.

-- (2007), "Native American Feminism, Sovereignty and Social Change", in *Making Space for Indigenous Feminism*, Winnipeg, Fernwood Publishing / Zed Books, 93-106.

Liane Schneider é professora titular de literaturas contemporâneas de língua inglesa no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) desde 2002 e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma instituição desde 2004. A professora desenvolve pesquisas no campo dos Estudos de Gênero, da Crítica Feminista e estudos culturais, tanto no que se refere às literaturas de língua inglesa como à brasileira, enfocando principalmente a produção literária de escritoras. Dentre suas publicações destaca-se o livro *Escritoras indígenas e a literatura contemporânea dos EUA*, de 2008, pela Editora da UFPB, além de ter diversos artigos publicados em periódicos nos últimos anos. A professora também organizou a coletânea *Mulheres e Literaturas: Cartografias crítico-teóricas*, pela Edufal, 2013, com Leila Harris, Ana Cecília A. Lima, e Márcia Almeida.